ANNO II — CAPITAL FEDERAL, — 11 DE MARÇO DE 1899 — N. 71

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 44
Travessa do Ouvidor
2º Andar

NUMERO AVULSO
100 réis

O Rio-Nú

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES

Sachristão, Bock, Le Petit, Reporter, Caetano Kran Gombeam, Martin I, Dealino, Lucas Tavares, Chico Bola, Edison, Ricaneur, Job Olina, Piparote, Dona Fina, Mané Gregorio Junior, Thereza, a Casta, Bock-Bier Chopp e Frei Cebo.

DIRECÇÃO
DE
GIL MORENO E VAZ SIMÃO

Assignaturas para a Capital e Estados

Anno.................................... 12$000
Seis mezes.............................. 6$000
Extrangeiro, anno....................... 25$000

SEMANA DESPIDA

Tambem eu fui, leitor, não é deboche,
Assistir a primeira do *Guarache!*
Uma revista de truz, supimpa, chic,
Que é muito natural que agora fique
Em scena toda a vida!
Eu nunca vi assim coisa tão bôa,
Nem revista que fosse revestida
Da tanta graça de uma só pessôa!
Cada pilheria vale uma epopéa!
Cada quadrinha vale uma delicia!
E se não fosse a gente da policia
Ter pedido aos senhores da platéa
O favor de não rir tão alto assim
Talvez ninguem tivesse ouvido nada.
Tal era a gargalhada
Tal era o grão motim
De applausos e risada em toda a sala!
Um moço que sentou-se junto a mim
Rio que perdeu a fala!
E' tudo bom emfim n'aquella peça,
E' tudo rico, principesco, novo,
Nada lhe falta desde que começa
Até quando por fim se vae o povo.
Não ha quem resista
Ao grande desejo
De, vendo a revista,
Ir vel-a de novo
No primeiro ensejo;
E por isso o povo,
O bom Ze—Povinho
Não perde uma vasa
E volta p'ra casa
Muito contentinho!
Certo é que a peça tem graça a valer,
Tem mesmo dentro em si pilhas de
[graça!
Uma igual é difficil de fazer,
Talvez o seu autor mesmo não faça!
A musica é bôa
E, sem cerimonia,
Se alguma pessôa
Soffresse de insomnia
Não tinha mais do que comprar en-
[trada
P'ra assistir a revista do Recreio,
Porque não ha meio
De a gente conseguir 'star acordada!
Tudo mais, fóra d'isso, é muito bom,
A peça mesmo em si é muito bôa.
Ouve-se alli pilherias do bom tom
Capazes de acordar uma pessôa!
Tudo está tão bem montado,
Houve tal graça e tal geito,
Fez-se tudo tão bem feito
Que o povo está deslum-
[brado!
Essa soberba revista
A ninguem ha que não faça
Esquecer-se da desgraça
Se acaso a desgraça existe.
Tal é a graça, o esplendor
A troça das cousas serias,
Onde se mettem pilherias
Tão finas como o autor!...
Coisa tão bôa assim nunca se viu!
Nunca se viu tão bôa uma revista!
E o dono, ao menos d'esta vez, sentiu
O grão do seu talento... de modista.
Vestuarios deslumbrantes
E deslumbrantes scenarios!
Creio fossem necessarios
P'ra servir de... attenuantes
A's *deslumbrancias* da peça!
Tão bem feita, por signal,
Que começa tal e qual
Como outra peça começa.
Uma tal que aqui no Rio
Fez dormir a todo o mundo
E dorme um somno profundo
No porão do *Lavradio!*
Esta não vae assim de cambulhada!
Melhor que já se vio em toda a parte!
Ha graça, ha verve, ha correcção, ha arte
E creio mesmo lhe não falte nada!
O dono teve um degrão,
Trepou da Gloria p'ra cima
E depois d'esta obra—prima
Não desce mais nem a pau!
Fazendo muito bem em não descer
Ao nivel desse povo jamais.
Has de ser, ó heroe! Sarcey-Assis!...
Agora queima-te
Ou deixes de queimar!
E acho bem melhor que a gloria quei-
[me,
Mas tem cuidado em não dizer asneiras!

M. GREGORIO JUNIOR.

Boatos

Mudou de nome o cruzador *Andrada!*

Segundo ouvimos, o Sr. ministro da marinha foi levado a isso por exigencia de uma rima.

Diz-se mesmo que em certa revista theatral o personagem posto em *liberdade* declara que via-se emfim livre do *Andrade*.

Nós achavamos *Andrada* mais historico, mas o diabo é que não rimava!...

—

Foi-se o Carnaval e ahi vem a *Mascara*.

Até parece que vem fóra de tempo, mas não vem, não senhor.

A *Mascara*, esse bello semanario illustrado que ahi vem, ha de botar-se a baixo a muita coisa barriguda que por ahi anda com fóros de verdade.

Que a *Mascara* consiga desbancar as suas homonymas!

—

Quando um personagem vae assobiar, diz-lhe o outro:

« Não assovies, menino. Estás-me a parecer um *futuro doutor*. »

Estudante é que elle quiz dizer, mas quem tem... calças tem medo...

—

A Sr. Pepa mostra-nos diariamente no Recreio um bello *corte artistico*.

Francamente ainda o não tinhamos visto tão bem representado.

Era motivo para um banquete se a defunta sociedade ainda fosse viva.

—

Jacintho Lopes ainda não reabriu a sua chapelaria. Consta-nos entretanto que o sympathico chapeleiro substituirá a fórma de seus annuncios pela seguinte: — *Só não terá dos meus chapéos quem fôr muito gordo ou muito barrigudo.*

—

D'*A Imprensa* de 8:

> «A bordo do cruzador *Parahyba*, sahido no dia 5 da Bahia, navegando á vela no porão, a ferros, vem para esta capital o famigerado Affonso Coelho.»

Diabo! Entendemos por fim mas não foi sem trabalho!

—

Os Bancos estrangeiros não querem que o governo queime os seus ricos dezoito mil contos.

Não é que estes Bancos querem parecer escriptor de revistas!...

—

Não será muito para admirar que o *Club dos Fenianos* faça por estes dias uma manifestação de apreço.

— !!...

FABULAS DO «RIO-NÚ»

A POLVORA E O LUME

A Marica anda triste, coitada!
Porque o Juca anda fóra ha tres
dias.
Ella é moça que adora as folias
E não tem nem um mez de casada.

Tem um primo, entretanto, que fica
A fazer companhia, porque,
Se sósinha a Marica se vê
E' capaz de morrer a Marica.

Mas o primo, que é todo janota
Faz as vezes tão bem, tão a geito,
Que a Marica acha tudo perfeito,
E a menor differença não nota.

Eis que volta o marido, coitado!
E a Marica encontrou tão untrida,
Que não houve mais nada na vida
Que o fizesse dormir descançado!

MORALIDADE

Ninguem deve deixar junto ao lume
Qualquer coisa que... augmente o
volume.

BOCK-BIER.

DIABO NO CORPO

O vigario da freguezia de *** era o que se póde chamar um bom parocho. Nas noites de calor, quando não podia conciliar o somno, despia a batina e em ceroulas e barrete refugiava-se no jardim da vivenda onde morava e passava horas inteiras de barriga para o ar a indagar das estrellas como deveria passar a sua vida monastica, cheia de afflicções e sem saborear um só prazer que fosse...

E tanto indagou o bom vigario, tantos castellos engendrou que con... certificar se se o diabo já tinha sahido...

Julgamos que sim, por isso que o Miranda, quando chegou á noite, não encontrou interrupção alguma...

LUDORO.

O "ANDRADA"

« O *Andrada* mudou de nome
Passou a chamar-se *Andrade* »
Foi a maior novidade
Que um boateiro contou-me.

Ai! que Parnaso vasio!
« Ai! rima que a tanto obrigas!
Fazes brancas as formigas »
E mudas nome ao navio!

Por falta de rima em *ada*
O Menestrel barrigudo
E' capaz de mudar tudo
E se assignar— *Arcada*!

DR. BARRIGA

O GATO

Cada vez mais, Adelia, a formosa Adelia, tornava-se triste, melancolica... Havia dois annos seguramente que se lhe operara esta metamorphose e a respeito ninguem lhe arrancava uma só palavra.

O seu estado cada vez peior, inquietava seriamente a seus paes; porem a moça á qualquer pergunta respondia «não tenho nada, não soffro nada...»

Isso porem, não podia continuar assim por mais tempo e á Lydia, sua irmã, casada de pouco, iria caber desvendar o mysterio.

Um dia Adelia visitara a sua irmã e esta já prevenida atacou a moça melancholica, de frente. E ella respondeu com a indifferença de sempre: não tenho nada não soffro nada...»

— Não! Nada, tú soffres, bradou-lhe a outra, bem sei que tú soffres, e moderando: sou tua irmã e amiga, conta-me tudo... E' alguma paixão occulta, hein! Dize.

Lydia falando assim notou com alegria que tinha chegado o momento da moça fallar, porque subitamente a pobre fôra presa de copioso pranto.

— Ah! mana, disse a final a moça, sou a mais desgraçada das mulheres!... vou contar-te tudo, mana assim é necessario. E continuou: Era uma manhã, como de costume eu costurava, na sala de frente, roupetas da Nenê, quando chegou á porta um velho cego e pedio uma esmola, mas eu pelo motivo de ter furado um dedo com a agulha, respondi-lhe mal, mandei-o o embora e elle, mana, rogou-me uma praga... e pegou!...

A moça soluçava desesperadamente.

— Praga!... Que praga te rogou elle? perguntou a outra um pouco intrigada.

— Rogou-me... rogou-me... que havia de nascer um gato aqui....

E não poude fallar mais; porque os soluços embargaram-lhe a voz. Mas Lydia comprehendeu tudo e ria-se ás gargalhadas vendo a afflicção da irmã por uma cousa tão natural.

— Qual praga, tola, todos nós temos o tal gato que te nasceu; eu, tú, mamã... todas as mulheres!... E puxando-a pelo braço a um quarto proximo, depois de fechal-a com cuidado, mostrou-lhe o seu soberbo gato... de pellos pretos como azeviche.

A pobre melancholica ficára confusa, mas agachando-se um pouco viu a bocca rosea do animal e então exclamou: Ih! mana, e o seu já matou ratos!...

THIAGO LAURENT.

A BOCETA

Estavam casadinhos de fresco. Pareciam mesmo dous pombinhos, pois haviam construido o seu ninho em um bonito chalet na rua de Nossa Senhora do O, n. 69.

Como era bonito vel-os juntos e bem unidos, causando inveja a todos que os viam!! Arthur e Amelia, pois eram esses os nomes d'aquelles dous entes nascidos um para o outro, viviam bem contentes com sua sorte; nenhum sopro de desgosto perturbava aquelle horisonte de felicidade que despontava e sorria para aquelle ditoso par que o hymineu unia para sempre.

Mas Amelia era, como sempre o são quasi todas as moças, de um genio exquisito e, tudo quanto queria, havia de se fazer custasse o que custasse, e o bom do Arthur, manso e humilde de coração qual um inoffensivo cordeiro, fazia-lhe sempre a vontade.

Ora, dominava em Amelia um desses vicios raros de se vêr n'uma menina como ella. Amante de tabaco, era louca por rapé, de sorte que não havia boceta por mais bem feita que fosse, que lhe servisse.

Um dia pediu ella ao seu Arthur para mandar fazer-lhe uma de jacarandá, e o bom do marido promptamente a encommendou a um marceneiro, amigo antigo de pandega.

Dias depois passava elle pela porta do Arthur e levava no bolso um pedaço da madeira, afim de preparar a encommenda do seu amigo; e acontecendo estar Arthur á janella com a sua cara metade, lembrou-se da encommenda e perguntou ao marceneiro:

— Olá, mestre, já pegou na encommenda de minha mulher?

Ao que respondeu o marceneiro, pondo a mão no bolso em que estava a madeira:

— Ainda não, mas já tenho o páo preparado.

SERTANEJO.

RECEITA

Certo distincto doutor
Visitando uma madama
E encontrando-a na cama
Deu logo um grito de horror.

Diz a doente então: « Sente-se
Tenho uma dôr cá no umbigo
Responde o medico amigo:
Então madama: *fomente-se.*

B. ASILIO

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas e poesias

A Casa da Tia

(CANÇONETA)

Personagem: Sebastião Pingalho, homem dos seus 60 annos, vestido pobremente, mas alegre e de boa apparencia. Entra pela direita rindo muito, comprimenta o publico e diz:

Meus senhores, boas noites. Desculpem,
Isto em mim é uma forte mania...
Mas não julguem que eu venha fazer
D'esta sala uma casa da tia!

Isso não... Deus me livre... *abrenuntio!*
Antes morte, que tal vilania...
Uma sala onde estão tantas jovens
Transformal-a em casa da tia!

Mas, contar-vos sómente desejo
Uma scena que eu vi n'outro dia:
Em que dama,—daquellas do trus...
Foi co'um *meirs* p'ra casa da tia.

De chapéu dos mais caros, da moda,
De setim bello fato vestia...
Quem julgava, encontrando-a na rua
Que ella entrava na casa da tia !!

Este mundo, é assim; todo enganos !
Reinações, repiocas, folia !
Solteironas, casadas, viuvas,
Fazem 'scala por casa da tia !

Costureiras, d'aquellas airosas,
Que só ganham seis *chetas* por dia,
Lá precisam, p'ra os seus alfinetes
De ir á noite até a casa da tia !

A soupeira janota que vae
Ao domingo ouvir missa ao meio dia,
Quando encontra o derriço da guarda
Ouve a missa na casa da tia!...

A menina elegante, bem feita,
Que ao priminho jurou sympathia,
Quando apanha a mamã descuidada
Faz da sala uma casa da tia...

Um velhote de barbas mui brancas,
Que pertence á uma tal confraria,
Anda á noite em procura de nymphas
Que o conduzam á casa da tia...

A moçoila que vende castanhas,
Que se off'rece em atroz berraria
Por dez réis, chega a dar vinte e quatro
E ainda mais, — lá em casa da tia !

Em Lisbôa, o Marquez de Vallada,
Vêr as damas lhe causa agonia;
Mas soldados, cocheiros, marçanos,
Vão com elle p'ra casa da tia !

Sobre gostos não ha discussões,
Já meu pae, que era um sabio, o dizia...
As varinas, p'ra mim, são a mola,
Que m'empurra p'ra casa da tia !

As actrizes novinhas, que querem
Dos jornaes ser assumpto do dia,
Não conseguem seu fim se não forem
Co's reporters á casa da tia !

Lavradeiras, d'aquellas robustas,
D'altos peitos, d'olhar que enebria,
E' p'la certa, em chegando á cidade,
Vão direitas á casa da tia !

Ainda ha pouco, uma dama affagava
Seu marido, p'ra quem se sorria
Mal pensava o coitado que a bella
Tinha vindo da casa da tia !

A beata que adora os santinhos
E a agua benta, mixordia bem fria
Se calhar, co'o sacrista magano,
Tambem vae até á casa da tia.

Eu jurava, se fosse preciso,
Pela luz que esta sala alumia,
Que padrecas com bellas sachopas,
Vão ás vezes á casa da tia.

Para mim é um ponto de fé,
Que não póde existir alegria,
Em logar, por pequeno que seja,
Que não tenha uma casa de tia !

Individuo, d'aquelles bem sérios,
Mas que á esposa já tem arrelia,
Vae de noite atirar-se ás creadas,
P'ra não ir até á casa da tia !

Mas a esposa, coitada, com falta
D'uma cousa, que eu bem o dizia,
Vae mettendo o creado no quarto,
Ai, Jesus! — é uma casa de tia!

Regateiras que vendem na praça,
Presumpçosas de ter valentia,
Um sujeito que seja finorio,
Leva-as todas á casa da tia !

Quantas paes filhas teem, e bem novas
Que andam sempre com grande vigia,
E ellas fartas já estão muitas vezes,
De fazerem visitas á tia !

E esses bailes — de sala ou campestres
São p'ra mim diversão reinadia,
Findo a dança, vae tudo parar,
Quasi sempre até casa da tia !

« Que maçada ! » dirão os senhores,
« Cale-se homem com essa utopia ! »
Muito bem, ponho ponto final,
Na cantata da casa da tia.

Tenho dito verdades picantes,
Das ouvir muita gente arrelia,
Mas... Talvez que os senhores que me ouvem
Fossem feitos em casa da tia ! ! ...

Sim, ás vezes, quem sabe — eu não juro
Póde ser muito bem que n'um dia
Sem maldade, por simples gracinha
A mamã fosse á casa da tia.

Meus senhores, boas noites. Desculpem
Isto em mim é uma simples mania
Mas cuidado: se dão pateada,
Mando-os todos... p'ra casa da tia!

O actor faz uma venia; fecha as mãos e cruza os braços, recuando á proporção que o panno vai descendo.

SCENAS DE ALCOVA

MAGICA EM UM FOLEGO

(A acção passa-se no reino de S. Cornelio)

Epocha: — *Em que se amarrava os cães com linguiças.*

Quarto mobiliado com gosto, cama, cadeiras, etc., etc.

Marqueza	22 annos.
O Barão..........	26 annos.
O Marquez	40 annos.

Nota. —*O Marquez quer ser Duque... a pulso.*

Barão — Minha adorada Marqueza. Está bem certa de que o Marquez só voltará no dia 18 ?

Marqueza —Assim o espero, negocios de alta monta...

Barão — Negocios com o Rei, percebo.

Marqueza— Além de tudo só lastimo uma cousa. E' que meu marido não ficasse lá pelo Paço a vida inteira.

Barão— (*Arregalando os olhos*) E dous ! (*Batem á porta*) Estão batendo.

Marqueza— Quem será !

Marquez—(*do lado de fóra*) Oh! filhinha, abre a porta. Perdi o trem.

Marqueza— Meu marido ! O Marquez !

Barão—O Marquez! Estou frito!

Marquez—Que demora!—Abres ou não abres !

Marqueza—Já vai! (*ao Barão*) Esconda-se.

Barão — Esconder-me ! Onde !

Marqueza —Em baixo da cama.

Barão—(*escandalisado*) Em baixo da cama ! ! Oh ! um barão em baixo da cama ! !

Marqueza—O que havemos de fazer !

Barão—Abra a porta e quando seu marido entrar diga-lhe que esteve tratando commigo negocio de alta monta.

Marqueza —Tem razão.

Barão—Antes de abrires a porta quero um beijo.

Marqueza— Toma lá. (*beijam-se*).

Marquez—(*mettendo a cabeça na porta e admirando o quadro*) Olá !

Ambos (*recuando*) Ui !

Marquez— (*com cara de grande resignação, um leve sorriso desabrochando dos labios e um ar de amabilidade fidalga*) A' vontade, á vontade ! Parece até que fui indiscreto !

Barão —(*confuso*) Oh ! senhor Marquez, negocios de alta monta obrigaram-me...

Marquez— Não se altere, eu, parece, que não vi cousa nenhuma. E se não fosse a mania que tenho de andar com duas chaves...Então ? O senhor está de pé. Sente-se, ou deite-se. Faça de conta que o Barão está em sua casa. (*A' parte*) Pudéra, eu quero ser *Duque*...

Marqueza —Não o esperava.

Marquez —E' exacto, se eu soubesse não tinha vindo. (*ao Barão*) Oh ! Barão, póde beijar outra vez minha mulher.

Barão —Sim, eu...

Marquez — Eu não faço questão; por uma cousa tão simples, brigarmos não vale a pena. Eu só sou ciumento na politica. (*A' parte*) Pudéra, eu quero ser... (*virando-se para o Barão*) Eu quero ser duque.

Barão—(*que percebêra a manobra*) Ha de sel-o.

Marquez—Sello ! Ora que diabo tem o pum ducado com o sello !

Barão—Não é isso, o Marquez ha de ser duque !

Marquez—(*radiante de alegria*) Hei de ser duque ! Oh ! Barão, póde ficar sósinho com a minha mulher. Eu não sou egoista.

Marqueza— Tem um coração magnanimo o Marquez.

Marquez—São 10 horas da noite, meus amigos. Oh ! Barão, póde tirar a roupa e dormir comnosco.

Barão—Como, aqui ? !

Marquez— E então, a cama que chega para dous póde chegar para tres. (*tira a roupa e deita-se*).

Marqueza —Mas...

Marquez —Estás envergonhada? Ora, Marqueza, faça a mesma cousa ! (*á parte*) Ser duque ! duque ! que honra para o illustre habitante do paiz de S. Cornelio !

MUTAÇÃO DE ROUPAS

Todos apparecem vestidos de cousa nenhuma, a scena escura por alguns instantes e um som de canto de grillo se ouve de baixo da cama.

Marquez—(*passando a 3*) Que sons melodiosos, que especie de folhagem agitada pela *brisa crespa* de uma *viração subtil*. (*dá um beijo no Barão pensando que beija a Marqueza*) Ui ! Desculpe-me, não foi por querer.

Barão—Oh ! senhor, *Duque*, esteja a vontade ! *passa (a 1)*.

Marqueza—(*Pegando na mão do Marquez e balbuciando-lhe ao ouvido*) Ai ! Barão !

Marquez—(*rindo*) Apanhei-te, cavaquinho ! (*para o Barão*) Você quer saber de uma cousa, Barão. Estou quasi torrado. O calor está insupportavel. Eu vou dormir para outro qualquer lado ! (*levanta-se*) Duque! duque ! ai ! meu sonho dourado, encanto da minha vida, sol radiante do meu futuro! (*sahe*)

Marqueza—O Marquez é bôa alma. Póde trancar a porta. (*O Barão quer levantar-se*).

Marquez—(*na porta*) Não se encommode. Eu mesmo *tranço*; aqui tenho a chave. Boa noite não se esqueça de fallar ao Rei a meu respeito...

Cae o panno

Caetano Kean Gombeata.

O ROUXINOL DE LAURITA

Conhecem a Laurita, aquella deliciosa morena, de olhos pretos e arrebatadores que prendem e fascinam, os que têm a felicidade de fital-os ? Pois bem essa gentil Laurita, tem um rouxinol, tão mimoso, tão mimoso, que é o encanto dos que tem o prazer de contemplal-o, pois sendo tão mimoso não tem penugem de qualidade alguma ! Pobresinho !

O conselheiro X..., de ha muito suspirava por ver, o tão fallado rouxinol, e contava obter por isso a amizade da seductora Laurita; mas esta obstinava-se em não ligar importancia ao velho conquistador, que fazia todo o possivel por lhe dar a conhecer o seu desejo. As cousas corriam desta fórma, quando um dia, que Laurita, recebia no seu *boudoir*, ricamente mobiliado, os seus admiradores, uma especie de vassallos a prestar homenagem a gentil rainha, veio para ella uma carta, acompanhada de uma caixinha de velludo *grénat*, contendo, um delicado broche de brilhantes. A carta era do conselheiro X e dizia assim :

« Adoravel Laurita — Estou louco por ver o seu mimoso rouxinol, que dizem ser completamente sem pennas e adorado por todos que tem tido o prazer de acarical-o, e de escutar os seus estonteantes gorgeios. Passaro dessa fórma se torna tão raro, que lhe supplico me conceda uma entrevista hoje em sua casa ás 7 horas da noite afim de eu tambem ver de perto o seu tão mimoso, quanto apreciado rouxinol.

Do seu apaixonado. — *Conselheiro X.* »

Quando Laurita, concluiu a leitura da missiva, uma gargalhada, estrondou, no pequeno *boudoir* : e ella, a deliciosa peccadora, ria, ria, sem cessar, mostrando os lindos dentinhos brancos e fazendo estremecer por debaixo do longo penteador de seda côr de rosa, os tentadores seios, tão rijos, tão rijos, que parecia quererem romper o obstaculo que os prendiam...

Um dos rapazes, levantou-se e pedindo silencio fallou :

—« Laurita : deves dar a entrevista que te pede o teu adorador ! Mostra-lhe o teu rouxinol, esse encantador rouxinol, que elle tanto deseja ver. Nós occultos assistiremos á entrevista e apreciaremos os effeitos dos tentadores gorgeios do lindo passarinho. »

Uma forte salva de palmas acolheu as palavras do alegre rapaz e todos approvaram, sem discussão o que se havia combinado............

Sete horas; um tilbury pára em frente á casa de Laurita, e o curioso conselheiro, agil como um rapaz de 18 annos, sóbe os dezesete degráus da escada em menos de um segundo. No pequenino *boudoir* estava recostada em uma ottomana, a gentil Laurita, dentro do seu penteador rosa e languidamente, deixava apparecer a deliciosa e bem contornada perna, luxuosamente calçada, em meia de seda côr de carne... O conselheiro entrou e logo que viu a sua apaixonada, tão deliciosa, e tão tentadora, não póde resistir: cahiu-lhe aos pés louco, louco de amor...

Immediatamente, e sem se levantar, pediu a Laurita, para lhe deixar beijar e acariciar o seu tão lindo rouxinol... E tanto pediu e tanto supplicou, e tanto fez que a linda Laurita, não se podendo mais conter mostrou-lhe o encantado rouxinol, lindo que era... completamente sem pennas... que alli ella tinha escondido em baixo do seu penteador de seda rosa... Avido de prazer, louco de enthusiasmo, o conselheiro acariciou tanto, tanto o lindo rouxinol, beijou-o tanto, e com beijos tão quentes e longos, que até a gentil Laurita, suspirava ... e gemia... não se sabe se de prazer, se de ciumes...

....

Um, ah ! formidavel, foi o complemento deste idyllio, e o conselheiro levantando-se rapidamente, encarou com os endiabrados rapazes, que davam gostosas gargalhadas e viam que o bigode do conselheiro, que ha poucos minutos era preto como azeviche, estava agora completamente branco, emquanto que o tentador rouxinol de Laurita, estava preto, preto e molhado que fazia pena...

....

O conselheiro raspou-se incontinente...

....

A final soube-se o motivo da mudança de côres; o conselheiro, tinha por costume pintar de preto o bigode branco, e como muito beijasse o lindo rouxinol de Laurita, este ficou tão molhado, tão molhado, que fez passar para elle toda a tinta do bigode do conselheiro. Pobre rouxinol !

....

Laudois II.

A MANOELA

A Francisca Manoela
Tendo levado uma sóva
Jurou ir para a cóva
Virgem, de palma e capella.

Mas tão grande juramento
Não póde ter seu valor
No tempo em que este calor
Faz de uma pessôa : — unguento.

O Rozendo, um rapagão,
Vio um dia a rapariga
Concertar um pouco a liga
Perto do caramanchão.

E dando um salto ligeiro
Não perdeo o *doido* o ensejo
De *chimpar* um longo beijo
No rostinho feiticeiro.

Quiz gritar qual uma louca
A Manoela, mas vio...
Ser o primo e... consentio
Outro beijinho na bocca !

Mas a D. Marianna
Que vira a grande *manobra*
Levantou-se e ... la vai obra !
Fala com vóz de *tyranna* :

— Uma menina solteira
Não tendo a moral por norma
Beijada assim desta fórma !
Vejam só que maroteira !

— Foi um jogo, minha tia!
Um brinquedinho brejeiro ...
Quiz vêr quem dava primeiro
Um beijo com primasia.

— E qual foi o mais velóz !
Eu sou mestra em taes assumptos
— Oh ! tia, nenhum de nós.
Acabamos todos junctos !

Job Olina.

PREMIOS DO «RIO NU»

No nosso penultimo numero foi premiado : no *Motte a concurso*, Finembond que obteve o primeiro logar; na *Nossa adivinha* foi Valete de Ouros quem primeiro conseguiu matar todas as questões. Ambos pódem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dous versos que devem ser glosados pelos concurrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume a escolher da *Collecção Popular Moderna*, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, sendo as glosas recebidas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte—

Seu moço não mexa tanto
Fica quieta rapariga

recebemos as seguintes glosas :

No bond iam dois no canto,
Que *bolinagem* damnada !
Ella diz toda acanhada :
Seu moço, não mexa tanto !
Mas o *bolina*, que encanto !
Na capa della se abriga
E quando a cóisa periga
E a mãosinha mais trabalha
Diz elle como quem ralha :
Fica quieta, rapariga !

DR. FINEMBOND.

—

Para o padre Zé Maria,
Que tinha *pose* de santo,
Uma bahiana dizia :
—*Seu moço, não mexa tanto.*
Vamos nós p'r'aquelle canto
Deixa de luxo, que espiga !
Trabalhemos de barriga
Isso doença não traz...
Até bôas cores faz...
—*Fica quieta rapariga !*

GATO ESCALDADO.

—

Se mais o Juca mexia
Que faceirice e que encanto
Quando a crioula dizia:
Seu moço não mexa tanto !
O Juca então se torcia
E num tric de barriga
Faz das pernas uma liga
Quando ella mexe acabando
Diz elle já se babando
Fica quieta, rapariga !

DR. BATATA.

—

Já quasi banhada em... pranto
No auge do movimento
Diz a Rosinha em lamento
Seu moço, não mexa tanto
Mas o rapaz, um portento,
Antes que a Rosinha o siga
Diz assim com vóz amiga
Aqui vae outra por conta
E p'ra não ficares tonta
Fica quieta, rapariga

DR. CEBOLLA.

—

Que bello; que doce encanto,
Dialogar com a mulata :
Ai filha,... você me mata !...
Seu moço,... não mexa tanto !
Ninguem resiste, garanto
A essa gostosa briga,
Eu bem conheço a cantiga
De muitos que se lambendo
Olhos em branco... dizendo
Fica quieta...rapariga !...

D. PEPINO.

—

E'ra o meu maior encanto,
Eu na cozinha com ella ;
Se lhe mexia a panella:
Seu moço, não mexa tanto,...
Mais devagar por enquanto.
Era sempre esta cantiga,
Mas permittam que lhes diga;
Que no fim, ella a mexia
De tal modo que eu dizia,
Fica quieta...rapariga !...

D. TOMATE.

—

Lá retirados n'um canto,
Faziam a brincadeira ;
Não mexa, disse a bregeira :
Seu moço não mexa tanto,
Cuidado, pois, por emquanto
Deitada estou de barriga;
Não quero comer espiga,
Por bocca sem paladar...
Espera, estou quasi a dar...
Fica quiéta, rapariga...

TIO TORRES.

—

A chorar n'um forte pranto
Disse a Rosinha p'ra mim :
Meu benzinho, escuta, sim,
Seu moço não mexa tanto.
Eu ando tendo de santo,
Vendo no choro uma espiga
Ou talvez alguma intriga,
Bradei sentido : Amorsinho,
Vem cá e dá-me um beijinho :
Fica quiéta, rapariga

A. A. NATICO

Em meu tempinho de sancto,
Era tão forte de cama,
Que me dizia a madama :
Seu moço não mexa tanto,
Senão me volto p'ra o canto
E não sou mais sua amiga;
Porem, hoje... grande espiga !...
Se alguma se chega ardente
Grito logo incontenenti :
Fica quieta, rapariga.

LEVIANUS

—

Abarbei-me um certo dia
Corri p'ra o matto e n'um canto
Uma voz assim dizia :
—*Seu moça não mexa tanto !*
Dou um pulo e me levanto.
Para ver a maroteira
Esqueci-me da barriga !
Gemia o Zé de canceira
Quasi que lavado em pranto :
—*Fica quiéta, rapariga !*

ZÉCA PRADO

—

Foi no mais escuro canto
Da salinha de visita
Que a Maróca disse afflicta
Seu moço não mexa tanto !
Depois que teve o seo ... *pranto*
Foi sahindo de barriga
E dizendo: « olha que espiga !»
Vingou-se do primo amado
Que lhe diz já... desmaiado :
Fica quiéta rapariga !

PADRE AMARO

—

Bem juntos, n'um certo canto.
Em brincadeira innocente,
Dizia a Laura ao Vicente :
Seu moço, não mexa tanto !
«Pois mexe tu, meu encanto,
Já que goso a tanto obriga,»
Então ella, a boa amiga,
Com tanta força mexeu,
Que elle, cansado gemeu :
Fica quieta, rapariga !

ROUPA VELHA.

—

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte :

Seu Maneco deixe disso
Eu vou contar ao papai

As glosas devem vir em tiras, escriptas de um só lado.

Só recebemos até terça-feira as glosas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

NOSSA ADIVINHA

—

(Honny soit qui mal y pense).

I

A prima tem um fogo que queima a gente.—1-2.

GUIME.

II

O animal suspende a mulher. —2-1.

DONDOCAS.

III

Este animal na musica é mulher. —2-1.

MYOSOTIS.

IV

Na perna da moça todos tem o que é de graça.—2-2.

R. LADO.

V

A mulher em Portugal serve para lavadeira.—2-2.

R. TALHO.

VI

Ahi, na greta é gracejo.

D. AQUELLA.

VII

Esta actriz, na musica com a nota é homem.—1-1-1.

MYOSOTIS.

—

CHARADA ANTIGA

VIII

Collega, Dr. Fadinho,
Charadista, resolyto
Não precisa procurar-me
'stou para fora do fructo—2

Quando ella não está molle—2
Collega, fica esticada
E' tratada com cuidado.
E' por muitos adorada.
Agora, caro Doutor
Vamos juntos passear
N'este aprazivel arrabalde,
Propicio para se amar.

FREI K. OLHO.

IX

Uma planta aqui tens
P'ra metter na mulher—
P'ra metter na mulher
Uma planta aqui tens—2-2.

K. C. PORÉ.

—

CHARADA A VAPOR

X

(aos mestres)

A's direitas meus amigos
E' conforme, nossa sórte,
Ao contrario encontrarão
Uma bebida bem forte } 2

GUIME.

XI

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é ? O que é ?

Qual é o homem que é lepreso ?

DEIRÓ JUNIOR.

XII

Que a gente faz e não vê ?

R. LADO.

—

Só recebemos as decifrações deste numero até terça-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

—

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, um volume, á escolha, da *Collecção moderna*, bibliotheca editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

—

Os *pontos*, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada, ou por trabalho publicado.

Servem taes *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cinco primeiros collaboradores e decifradores, no fim do mez corrente.

—

Decifrações e decifradores do n. 68.

Propuzemos 14 questões, cujas deciffrações eram :

Pompa, Custodia, Apa, Onofio, Bacopary—Laurato, Mamoeiro, Pelucia, Pelaga, Malacacheta, Papagaio come o milho periquito teva a fama, Soca,—Vaso, Falcão—Helice.

Decifraram:

Chapado, Chaminé, Chaleira, Chapeleta, Myosotis, os Bolinas, Deiró Junior, Parasita, Levianus, Lambe e Socca, Frei Cólá, Rodarlos, P. X. Beque e Chá Verde, 11; K. C. Poré, 13; D. Pepino, 11; Frei K. Olho, 8; Macambôra, 12; K. C. T., 7; A. A. Natico, 9; Valete de Ouros, 14; Lincoln, 8; Frei K. Pado, 10; Cocegas e Comichões, 12; Charuto, 11; Dr. Curioga, 12; Frei Sineta, 12; Frei D. Zel, 5; Talvez, 9; Dr. Brocha, 10; Frei Pinda, 9; Dondocas, 11; Anhanguera, 6; Condor 4; Ubirajára, 11; Thelias, 11; Arevilo, 11; K. Quinho, 12; Dr. P. Netra, 12; K. Marão, 7; Az de Copas, 12.

—

QUEBRA-CABEÇAS

FOLHETIM

A VINGANÇA

DE

UM SAPATEIRO

Romance realista

POR

BOCK

—

PRIMEIRA PARTE

A COINCIDENCIA

II

(Continuação)

Tudo era parado. Não se via viva alma. Aquella rua, pacata e simples, sem palacetes e sem escandalos, habitada por uma burguezia afanosa e honesta, tinha áquella hora da tarde esse aspecto deserto e lugubre que têm em geral os cemiterios.

Uma creatura que, para não morrer, tivesse forçosamente de ver alli, naquella hora morna, uma outra creatura a *flanar*, teria de passar pela desagradavel contingencia de ir desta para melhor. Nunca houve o exemplo de se ver quem quer que fosse a dar de pernas por aquellas solitarias calçadas, a não ser em algum domingo ou dia de festa, ou outra qualquer ceremonia anormal, como fossem as eleições ou as sessões do Jury.

Deixemos aqui por um pouco a rua deserta, em todo o seu abandono, bocejando como uma mulher feia a que o rapazio não procura, e vamos seguir cautelosamente os passos timidos e vacillantes de um personagem nosso, de apparencia modesta, timido e medroso, em quem o leitor já terá talvez descoberto o aprumado perfil de Manezinho.

Ao deixar a casa do sapateiro elle pensou maduramente no que devia fazer. Qual seria o melhor caminho a seguir? Não seria aquillo tudo um embuste de João da Cunha para fazel-o cahir no ridiculo? Quem sabe se o homem o que queria era ver-se livre delle e inventára então toda aquella historia complicada e longa?

«Tambem eu não sou lá essas cousas, dizia elle comsigo, não, não sou. E apalpava-se. «Não, não era! Não havia razão para todo aquelle barulho que o homem fizera. Fôra esparramar do homem, não havia duvida, fôra esparrame. Mas com que interesse? Se perguntava-se, com que interesse? Se elle não quizesse dar a sua esmola, tel-o-ia dito francamente, sem rebuços. «Deus o favoreça» e estava acabado! Mas, não! O homem tomara um interesse sério.

Pareceu-lhe, a elle Manezinho, que podia ser com effeito um allivio á humanidade. Não lhe ficava bem negar-se a essa obra de caridade; não, não ficava; e demais era dalli que elle ia tirar os meios da sua subsistencia. A sua enxada era aquella; portanto era procurar o terreno e metter... mãos á obra. No meio destas considerações, porém, o ex-indigente tinha uns começos de receio. Não fosse elle fazer fiasco ou ser corrido a paulada. Era verdade que João da Cunha lhe pintára a historia com bonitas cores, mas quem sabia lá o que poderia sahir dalli?

Pareceu-lhe que o sapateiro exagerára um pouco o caso: a cousa não havia de ser assim tão facil. Essa prenda, que o outro tanto encarecera e tanto admirára, não lhe parecia ter todo esse attractivo que podesse fascinar assim á primeira vista. E quem lhe diria a elle que aquillo não era uma recommendação vulgar? Apenas João da Cunha ficára todo aquelle estardalhaço. Não se lembrava de ter, no seu tempo de collegio, quando justamente com os outros se banhava na praia, não se lembrava de ter nunca provocado a admiração delles. «Ah! concluia, aquelle homem exagerára bastante.

Andando sempre, elle chegou, quando assim pensava, a uma esquina deserta. E quiz ver com os seus proprios olhos, reparar bem naquillo, avaliar demoradamente, com estudo e com peso, o recurso de que dispunha, o dote que lhe dera a Natureza para a conquista dessa cousa deliciosa e attrahente que se chamava o amor, e que elle via a dous passos de si, sob a fórma provocante de um sorriso malicioso brotando de uma bocca sequiosa, cheia de beijos e caricias, no contacto frenetico de um corpo esculptural e languido, onde havia á espera delle Manezinho a anciedade quente de dous braços roliços e brancos...

Não! O bocado era bom, e era-lhe preciso não perdel-o. Tanto mais que dalli é que elle ia comer, dalli é que elle ia pôr-se no logar que lhe competia na sociedade.

Approximou-se da esquina e, fingindo satisfazer uma necessidade humana, Manezinho procedeu demoradamente a um exame no seu dote. Era com effeito um dote e tanto: um dote, como se costuma dizer, de encher o olho!

Mirou e remirou, virando de um lado para o outro, calculando dimensões, medindo mesmo, procurando saber a influencia que poderia ter na balança das exigencias galantes.

Com as caricias a que não estava acostumado, a felicidade do rapaz foi se azucrinando um pouco; com aquelle passar e repassar de mão o dote ia crescendo, augmentando sempre a ponto do pobre moço quasi o não poder abarcar nem occultar. Por fim, com difficuldade, agasalhou-o e deu um suspiro de allivio. «Ah! Era na verdade bem dotado! Tinha toda a razão o sapateiro. Sim senhor! Nunca reparara naquillo! E' isto sempre, dizia, é isto sempre; a gente nunca sabe o que possue!»

Aprumou-se, deu um geito ao andar e marchou em frente, firme e convicto como um general que marcha para uma campanha gloriosa.

Parecia-lhe ainda impossivel que elle, tendo aquillo, não se tivesse lembrado ha mais tempo de aventurar a sua sorte. «Oh! que besta que tinha sido, pensava. Andar por ahi a mendigar miseravelmente, faminto e roto, aborrecendo a caridade publica, em vez de vir elle, elle mesmo praticar essa caridade. Pratical-a sim, porque nesse ponto era rico, riquissimo! Vira-o ha pouco, na esquina. E não era riqueza herdada ou adquirida ahi sem se saber como, não! Era rico de natureza; fôra ella, essa Natureza generosa e farta, quem lh'a dera! E não era só fazer caridades, não era só alliviar o seu proximo, não! Era elle tambem! Era por elle, era pelo que elle ia gozar! E ahi justamente é que estava o maior e o mais doce encanto de toda a sua aventura. Não era só pelos outros ou pelas outras, não; era por elle tambem; por elle que até alli ainda não provara esse pomo dourado que se chama uma conquista amorosa, por elle que não soubera nunca o que fôra uma aventura galante, por elle emfim, a quem nunca fôra dado saborear uma parcella de amor!»

E foi nestas intenções, douradas e quentes, que elle penetrou, sereno e firme, na grande rua abandonada e deserta.

(Continúa.)

PORTARIA

Fru D. Zel. — A sua glosa, comquanto tenha apparencia de verso, está escripta em prosa. Assim não vale.

Phidias — Tão santa, tão pura nos parecem a sua glosa, que, para poupal-a aos perigos da má companhia, não a publicamos.

D.M. Faldas. — Veja o que dizemos a Phidias.

Onilyga. — Pelas glosas publicadas verá que a que nos mandou estava capenga.

Condor — Muito obrigado: Pode continuar.

Anhanguéra. — Bôa viagem. De longe, mesmo pode mandar alguma coisa.

ANNUNCIOS

CHARUTARIA CASTELLÕES

Unica que recebe cigarros
S. Luiz do Parahytinga;
Barbacena (Vallo);
Espirito-Santo do Pinhal;
Baependy;
Sitio;
Borboleta.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA
GUIMARÃES & C.
71 Largo do Rosario 71
S. PAULO

PRESERVATIVO
DA
Gonorrhéa e da Syphilis

Usem a *Lugolina* do Dr. Eduardo França, conforme cusina e folhetó que acompanha o vidro, e evitarão o contagio d'estas molestias.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias.

DEPOSITARIOS
ARAUJO FREITAS & C.
114—Rua dos Ourives—114
Canto da de S. Pedro

TROVADOR MODERNO
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS
CONTENDO

Assombrosa collecção de modernissimas modinhas brazileiras, apanhadas directamente do vulgo e que não se encontram publicadas em nenhum outro trabalho.

PREÇO 1$000 RÉIS

A' venda no escriptorio desta folha

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada com valor declarado, dirigidas á gerencia desta folha.

TROVADOR DE ESQUINA
OU
REPERTORIO DO CAPADOCIO
CONTENDO

Canções populares, Fandangos, Sambas, Fadinhos, e Desafios, Cantigas, que prendem as raparigas, Cantatas que deleitam as mulatas, Modinhas que chocam as crioulinhas

COLLECIONADO POR
João de Souza Cunegudes
PREÇO 2$000

A' venda no escriptorio desa folha.
Pelo correio mais 500 réis

Um livro admiravel, elegante e precioso!!!
ACABA DE SAHIR A LUZ E JÁ SE ACHA A VENDA O

CANCIONEIRO POPULAR
DE
MODINHAS BRAZILEIRAS
Unica e exclusivamente composto das mais formosas e conhecidas modinhas brazileiras

Fique-se, porém sabendo que não se trata de um livro vulgar, feito de pressa, em que se fossem reunidos a esmo cantos, recitativos e modinhas, por qualquer pessoa, copiando-se estupidamente, como as cuvises cantar.

O **Cancioneiro Popular** é um volume admiravelmente organizado pelo Sr. CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE, distincto moço, conhecido poeta e prosador, excellente professor de linguas—nome que toda gente conhece e tem applaudido.

O autor reuniu pacientemente as mais bellas poesias populares, que se prestam para o canto (**MODINHAS**), emendou-as de modo que combinassem as palavras e a musica; indicou em cada uma a musica com que deve ser cantada. Desse modo, o livro tornou-se admiravel e precioso

Eis o indice:

A primavera é uma estação florida; Tenho saudades de Maura; Ao violão; Minha vida era um lago transparente; Qual fera doido o narciso, se lhe offereceu banana; Minha alma solua, ninguem lhe responde; Vem cá, risonha morena; Entre o perfume das flores; Nas horas que passo comtigo na mente; Se foi crime te amar com incura; Landú Infernal; A brisa corre de manso; Borboleta, meus amores, mimoso inseto onde vais; Tanto amor, puro, santo e sublime; O batuque, canção de africano; Perdas, Senhor meu Deus, minh'alma sente Se não me amas, o mulher, porque me prendes? O poeta e a fidalga, modinha muito conhecida com o titulo—*Desprezo*, contendo os oito versos (e não seis como por ahi anda toda errada). Não és tu quem eu amo, não és; A laura trança; O' pallida Madona dos meus sonhos; Ao virar da esquina, eu vi em Lisboa; As ondas são anjos que dormem no mar; Os olhos azues; Sonhei comtigo, donzella; Tu me perguntas a historia daquelle triste ranchinho: Oh! mulher não sorrias, que eu choro; Que valem flores; Vem ver, Elisa, como surge a lua; Teu nome; Eu amo a calma que em teu rosto brilha; Talvez não creias que eu por ti sou louco; Chiquinha, se eu te pedisse, de manta que ninguem visse; Sempre te amando, desprezando as outras; Nas horas que passo comtigo na mente; Horas serenas desta quadra bella; Meiga filha de Deus, rosa d'aurora; Vendedora de amores; Que lindos matinaes na gala de neve; Minh'alma solua, ninguem lhe responde; Os anjos hallanes; Passavas linda como passa anjo; Vamos, Eugenia, fugindo; Eu só te peço que te lembres, bella; *Lá para as bandas do norte, no sertão da minha terra;* E's, Marilia, tão bella e formosa; Meus amores brazileiros; Sobre o mar de eterno amor; O bem-te-vi; O vagabundo; A creoula faceira; *Gosto de ti porque gosto;* Um caso eu vos conto que, se bem me lembro, passou-se ha dois annos, no mez de novembro; Se muito te adoro; A mulata; O philosopho; Fui bilontra decidido; O céo recama-se de nuvens floridas—outra, imitação do autor; A aurora assoma e a terra dorma—outra, imitação do autor; A' terra um anjo baixou; Morena escuta os meus cantos; São bagas de amargos prantos; Na hora em que se cobre; Que sorte, que sina cruel é o meu fado; Ursulina, no céo a lua desmaia; *O Perdido*; A rosa que no nasser abre corola; Linda flor, como és mimosa; Porque vejo nos teus olhos (do Sr. Illiar); Eu vi-te sorrindo, voando nas valsas; Não és tu quem eu amo, não és; e centenas de outras modinhas, cada qual mais linda, iguais a esta ou talvez mesmo melhores.

Um grosso volume com mais de 200 paginas, com riquissima capa 2$000

Os pedidos do interior devem vir acompanhados de 2$500, em carta registrada, com valor declarado, dirigida

a esta redacção

LOTERIA DA CARIDADE
Segunda-feira 13 do corrente

POR $800 **15:000$000** POR $800

Esta loteria, fiscalisada pelo **Exm. Sr. Dr. fiscal da União e pelo do Estado, tem garantia dos premios** pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.418, de 26 de dezembro de 1896, e mais a caução do Thesouro Federal de **40:000$** em apolices. A extracções serão feitas na agencia geral, á rua de S. José n. 113, **ás 4 1/2 horas da tarde.—A. CAMPOS & C.**

Ao publico.—As machinas podem ser examinadas antes e depois das extracções.

O agente em Nictheroy, GUILHERME M. P. VASCONCELLOS

CANÇONETAS A 200 rs.

A Missa Campal — Do Mesmo Lado — A rir... A rir — Assim...Assim — O Pão Fresco — As Minhas Collegas — O Meu Amigo Banana — Os Phosphoros — Brincadeiras — Si Eu Fosse Rapaz — Nem Eu Nem Ella — Os Suspiros — Ora Toma, Mariquinhas — O Calado é Melhor — A Banana — Descarrilar — Do Outro Lado — Enganos — A Minha Familia — O Chefe d'Orchestra — A Gargalhada.

A' venda no Escriptorio desta folha.

PIANOS DE PLEYEL
Bord, H. Herz, Kuhse, Gaveau, Schiedmayer, Rosenkranz e outros auctores
VENDEM-SE POR PREÇOS MODICOS
NO
Antigo Estabelecimento de Pianos e Musicas
—DE—
Manoel Antonio Guimarães
SUCCESSOR DE BUSCHMANN, GUIMARÃES & IRMÃO
Unico importador dos verdadeiros pianos de Julius Bluthner
50, Rua dos Ourives 52.
VENDAS GARANTIDAS

CONTOS PARA VELHOS
DE
BOB
Um elegante volume com capa illustrada a duas cores
2$000

Romances a 1$000
PAULO DE KOCK
Gustavo, o Estroina, A Dama dos Tres Espartilhos, A Menina das Tres Saias, A' Procura de Noiva, A Vereda das ameixas, Os Sete Bagos de Uva, A Familia Pavilhão
ANSELMO RIBAS
A SEARA DE RUTH
PAUL FÉVAL
A CREOULA
JULIO MAY
Paixão e Odio
H. P. ESCRICH
VISINHA DO POETA e MAGDALENA
ALEXANDRE DUMAS
VINGANÇA CORSA
TEIXEIRA E SOUZA
Maria, a menina roubada
XAVIER DE MONTEPIN
MARTYRIO E CYNISMO

A' VENDA NO ESCRIPTORIO D'ESTA FOLHA